

# COMUNHÃO

*Revista Espírita Bimestral*

Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**  
*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 40**

**2022**

**Nº. 245**

**SETEMBRO - OUTUBRO**

*( Não aderimos ao último acordo ortográfico )*

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
1500-487 Lisboa	<b>Recordando A.Kardec</b>	<b>3</b>
Telefone :	<b>Escravidão que liberta</b>	<b>6</b>
217647441	<b>Nascer, Viver, Morrer!</b>	<b>9</b>
	<b>Notas do mais além</b>	<b>20</b>
	<b>Escuta, Viajor!</b>	<b>21</b>
Director Responsável	<b>Oração de paz de esp.</b>	<b>22</b>
<b>Manuela Vasconcelos</b>	<b>Sirvamos</b>	<b>23</b>

\*

## EDITORIAL

Agora, que Agosto acabou, podemos pensar em reprogramarmos os dias, semanas e meses que se seguem, como se eles fossem um recomeço ou um novo ano a viver, embora estejamos a mais de um meio ano já vivenciado, com mais ou menos correrias, tarefas, preocupações e outras coisas que não vamos aqui nomear.

Foram boas as férias? São sempre boas porque, mesmo quando passadas na mesma localidade de sempre, são vividas sem correrias, numa descontração que ajuda sempre o refazimento de energias. Certo que muitas vezes, no seu terminus, estamos tão ou mais cansados do que quando as começámos porque fizemos tudo aquilo – ou parte – que não conseguimos realizar nos outros meses do ano. Só é pena – pensamos intimamente – que elas não possam ser maiores, durarem mais! Mas penso que, a tornarem-se mais extensivas, acabariam por cansar, dado que entraríamos num “rame-rame” de quem já não tem nada diferente para fazer e vai começar a repetir tudo o que primeiro foi uma novidade!

Férias... é bom que venham, comedidas, para sempre saberem bem!

\*

No retomar das nossas tarefas, e embora as nossas férias nos tenham sabido muito bem, estamos ansiosos pela reabertura da nossa Casa: faz-nos falta a presença de todos aqueles irmãos que a frequentam e que, com a sua assiduidade, se tornaram uma outra família ou, talvez, o prolongamento da nossa família. Fazem-nos falta os seus sorrisos, os seus diz-que-diz, de cada vez que surgem, e até as sugestões que por vezes nos dão sobre o que falarmos. Tudo é preciso e tudo vibra harmonia na nossa Casa, neste relacionamento que fomos criando, uns com os outros.

Então, é assim: a porta já está aberta: podem entrar!

### *A DIRECÇÃO*

\*

## **RECORDANDO ALLAN KARDEC**

O mês de Outubro recorda-nos sempre a reencarnação de Hippolyte Denizard Leon Rivail – vulgo, Allan Kardec, o Codificador que aceitou “escrever” as vozes dos Espíritos, dando aos homens ‘O Consolador’ que Jesus anunciara, quando entre nós.

É difícil escrever sobre Kardec, pois todos nós, espíritas, o fazemos, e as palavras de uns e outros tornam-se repetitivas de tantas vezes que as usámos ao longo destes cento e sessenta e cinco anos – tantos quantos a publicação da 1ª edição de ‘O Livro dos Espíritos’, que o deu, também a ele, a conhecer.

Convidado, por um amigo, a assistir a uma reunião onde “as mesas falavam”, objectivando que *para um efeito inteligente tem de haver uma causa inteligente*, Hippolyte recusou o convite que, mais tarde, feito nuns outros moldes e por pessoa de sua inteira confiança, resolveu aceitar; observando curiosa e atentamente o que os seus olhos viam, regressou a casa predisposto a anotar uma série de perguntas que faria numa outra reunião – a primeira de muitas outras que se seguiram, onde, verificando a honestidade daqueles de respondiam às suas perguntas, e com o auxílio das duas irmãs, médiuns, que se predispunham a ajudar nas comunicações, desenvolveu todo o sistema do qual “nasceu” o esclarecimento do Paracleto transformado, com o seu saber e dedicação, na codificação da Doutrina dos Espíritos.

Entusiasmado com as respostas que ia obtendo, que lhe falavam de uma Doutrina mais de acordo com a sua própria maneira de pensar que aquela outra para a qual os pais o tinham encaminhado em criança, fez da Doutrina a razão principal da sua existência, apesar dos “ataques” em que se viu envolvido, desde a inveja à difamação que, se lhe abalaram a saúde, não lhe abalaram a vontade de continuar numa tarefa-missão que sentia

ser mais verdadeira que qualquer outra de que tivesse assumido a responsabilidade.

Rodeado de companheiros como Camille Flammarion, os Delanne, pai e filho, e vários outros tão entusiasmados como ele com aquela nova revelação, respondendo a todos os que o contactavam através da Revista Espírita, criada em Janeiro de 1858, foi bem o Apóstolo que Jesus convidara para aquela missão a que a morte pôs fim, abruptamente, a 31 de Março de 1869.

O seu túmulo, do feitio de um dólman como os usados na Gália antiga, onde vivera uma reencarnação como sacerdote, foi erigido por amigos e admiradores e encontra-se no Cemitério Père Lachaise, em Paris, ao fundo de uma das avenidas principais. Sempre florido, com as flores que lhe levam todos os que o querem recordar ali, os visitantes podem sempre ler as palavras da lei da reencarnação que ele confirmou nas páginas da Codificação: “*Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei*”.

*M. V.*

\*

# ESCRAVIDÃO QUE LIBERTA E LIBERDADE QUE ESCRAVIZA

Guiados pela luz da fé, podemos atravessar os  
labirintos das sombras internas

“(...) *sou prisioneiro do Cristo...*” –  
PAULO (ef., 3:1).

Assim como Maria, irmã de Lázaro e de Marta, Francisco de Assis, Paulo de Tarso, Santo Agostinho e tantos outros, optaram pela “*parte boa*”, aquela que não pode ser tirada e jamais se perde, ou seja: *a conquista dos Tesouros do Céu...*

Este último, filho de Santa Mónica, que se tornaria colaborador importante na Codificação Espírita, depois de uma vida que se arrastava pelos marnéis da iniquidade e da materialidade, nos superlativos e quase exclusivos gozos hedonistas, ouviu o “*chamado*” do Celeste Amigo... E a partir daí, ele atravessou os labirintos de suas sombras internas guiado pela fulgurante luz da fé que afugentou a cegueira da ignorância que o impedia de ver os proscênios espirituais...

Humildemente ele jamais se considerou um “*eleito*”, mas um calceta perdoado pela nímia compaixão e deferência do Pai Celestial; e quando seus antigos comparsas de dissipação e descalabros morais o admoestaram, considerando-o um escravo, um pária, enfim, uma vítima das revolucionárias ideias cristãs, ele verbalizou o aparente paradoxo que ecoaria através dos evos na acústica das almas despertadas para o Cristo: “*agora eu amo a escravidão que liberta e abomino a liberdade que escraviza*”.

Regis de Moraes<sup>1</sup> explica “(...) uma vez feita a abertura à Grande Presença, o fluído cósmico movimentava múltiplas mensagens vindas de Deus e esparzidas pela Espiritualidade Maior. A grande transformação interior renova e agudiza as percepções dos sentidos – os sentidos do corpo e os do Espírito.

Fragância e aroma perfumado... Não se ouve falar da fragância de coisas apodrecidas. Perfumes quintaessenciados são os mais propriamente fragantes, como pães assando que exalam tal aroma que mexe com as nossas emoções, pondo-nos em contacto com o fundamento da vida.

Santo Agostinho, em sua prece, fala-nos da fragância de Deus.

Quando uma mulher derramou perfume nos cabelos do Mestre, Ele se alegrou.

Quando a mais alta Espiritualidade concedeu a Agostinho

sentir a fragância de Deus, ele suspirou pelo dia em que estivesse ainda mais perto do Senhor”.

Conta-nos, também o citado autor<sup>2</sup>, que igualmente tal aconteceu com Maria, irmã de Lázaro e Marta, ao dimensionar, ainda que relativamente, “(...) a magnitude dos ensinamentos de Jesus. Pressentindo que não teria muitas vezes mais tão luminosa oportunidade de aprender sobre as coisas espirituais, radicalmente deixou tudo de parte e pôs-se a ouvi-LO, enlevada... Talvez suas mãos, também acostumadas à lida, naquele momento estivessem pousadas em seu colo como um par de pombos a cochilar. Maria, de forma incondicional, apenas seguia o Mestre Jesus pelas estradas de seus pensamentos; era como se seu Espírito, sedento e inquieto de esperar, finalmente tivesse ouvido a autêntica melodia da Espiritualidade”.

Podemos concluir (sem muita dificuldade) que devemos ter as laboriosas mãos de Marta que trabalham cuidando das coisas materiais, mas, sem embargo, devemos também ter as mãos de Maria, algemadas ao amor do Cristo, a fim de que possamos erguê-las, cheias de luz, no oferecimento de amparo e cura aos Irmãos do Calvário que penam sob o guante da miséria e da ignorância...

Assim, que não nos envergonhemos de ter as mãos calejadas de Marta, operosas no trabalho bruto, mas supliquemos ao Pai para termos, também, as abençoadas quão



delicadas mãos da mulher, que um dia derramou perfume nos cabelos do Divino Amigo.

1 – MORAIS, Regis de. *Corações em Luz*. Campinas. Ed. Allan Kardec, 2003, cap. 6, parte segunda.

2 – Idem, *ibidem*, cap. 3, parte terceira.

**ROGÉRIO COELHO**  
(Manhuaçu - M. Gerais – Brasil)

\*

## **NASCER... VIVER... MORRER!**

Às vezes, no corre-corre de cada dia, eramos interrompida com perguntas que fazíamos a nós mesma, sobre a nossa existência: porque ou para que vivemos? Se um dia tudo acaba, e não vemos benefício nenhum naquilo ou na forma como vivemos, para quê nascer? Depois, outra pergunta surgia ainda: porque nascemos? E a resposta para uma e outra das duas perguntas não nos vinha de imediato à mente mas, pouco a pouco, recordando o conhecimento doutrinário que fomos adquirindo ou nos foi sendo transmitido, deixámos que ele fosse tentando responder por nós...

Porque nascemos? Para quê?

Dizem-nos – a todos os que queiram escutar, não só a mim – que somos todos Criação Divina, no intuito de virmos a ser perfeitos um dia porque, sendo Deus perfeito, não nos poderia ter criado senão à Sua Imagem de Espírito Perfeito. Esta Criação dá-nos a todos, no imediato, uma responsabilidade que nem sequer conseguimos avaliar porque, não podendo dimensionar a perfeição divina não conseguimos, também, dimensionar a nossa responsabilidade perante Ele: até que ponto devemos acolhê-Lo, obedecer-Lhe, amá-Lo? Que laço – perguntamos então – que laço nos liga a Ele?

A resposta não deixa qualquer espécie de dúvidas: o laço de filho para com o Pai!

Então – continuamos – para que nos abandona, colocando-nos na Terra e dando-nos outros pais? Que finalidade é a Sua?

E a elucidação vem a seguir: o Pai nunca abandona nenhum dos seus filhos mas, em tudo o que concretiza em relação a eles está a manifestação do Seu Amor; se os deixasse no mundo espiritual, o contacto com uns e com outros não ajudaria à evolução de cada um porque, havendo muitas moradas na Casa do Pai, cada um estaria sempre coabitando com os outros numa mesma morada que lhes estivesse afim, havendo, portanto, poucas possibilidades de aprendizado entre todos os ‘moradores’. Ao colocar-nos na Terra, num outro mundo portanto, coloca-nos também em contacto com todos os que ali habitam, sejam bons, maus ou... assim, assim! E é esse

contacto, essa ‘obrigação’ que nos concede o termos de discernir quais as companhias que nos convêm, o que nos diz do Seu Amor por nós. É como se nos colocasse numa escola onde, em cada turma, encontrássemos alunos desinteressados, alunos interessados, bons ou esplêndidos... e cada um de nós, dentro do interesse que possa sentir em evoluir ou em se manter tal como se reconheça, procurará a convivência com os que lhe sejam afins ou, reconhecendo-os superiores, com aqueles que lhes possam ser exemplo, não só para aprender como para progredir. E tal, é mais fácil acontecer num mundo diferente do espiritual porque, estando num ambiente estranho sabemos – por instinto ou face à educação que os nossos pais terrenos nos derem – sabemos que temos de procurar o que seja melhor para nós, seja através do estudo como do trabalho (que também é estudo), da procura do que nos seja melhor como, fazendo desse mesmo o melhor, o nosso progresso. A convivência com uns e com outros será sempre uma prática de aprendizado com vista à nossa evolução... Claro que tal só acontece porque, sendo espíritos imortais, assim criados por Deus, tudo o que fizermos vai ficando registado na nossa mente ou arquivo espiritual, e assim, sem pressas mas antes gradualmente, vamos conquistando o nosso ‘lugar ao sol’ futuro: aquele para que Ele nos criou.

Assim se explica o porquê do nosso nascimento terreno e a razão do mesmo... E não é fácil – reconhecemos – deixarmos de ser simples e ignorantes – tal como foi a nossa Criação – para começarmos a acumular as experiências que nos darão o

conhecimento que necessitamos adquirir... mesmo porque, de cada vez que renascemos, ainda que não percamos o conhecimento já adquirido e que passou a acompanhar-nos porque registado no nosso EU, voltamos ao princípio, recomeçando sobre os passos já dados anteriormente, numa repetição de lições que, com certeza, terão apenas por fim fazer-nos aprofundar o que anteriormente vivemos ou reconhecemos – ainda que inconscientemente, porque não nos lembramos – como algo de errado do passado que nos pode acompanhar no presente, não para nos dar forças mas para repararmos o que entendamos possa estar mal... Às vezes, as ‘coisas’ acontecem à ‘nossa revelia’, digamos: acontecem porque têm de acontecer e nós somos apenas os figurantes de uma cena que tem de ser representada porque – actores da Vida – a não soubemos ensaiar para a representarmos perfeita!

Actores da Vida... Então, é por isso que vivemos?

Viver?... E o que é ‘viver’?

Segundo Cândido de Figueiredo ‘viver’ significa ter vida, existir... e ele continua ainda com mais explicações, dando outros conceitos que não interessam aqui. Bastam-nos os que já registámos; debrucemo-nos sobre eles, então.

Ter vida, já sabemos que a temos, a partir do momento que fomos criados e do conhecimento que fomos adquirindo sobre a mesma; portanto, ter vida ou existir, para cada um de nós não

deve ser novidade: já o grande filósofo dizia: “penso, logo existo!”.

O que importa, deveras, é saber o que fazemos com essa vida, com essa existência que temos: como a usamos? Como a aproveitamos?

Ter vida, na Terra, seja qual for o País onde nos encontremos, significa uma nova reencarnação do nosso EU na carne, uma oportunidade mais que o Senhor nos concede para a conquista de um bocadinho mais da nossa perfeição (há milhares de anos que isto acontece, mas desde que chegámos ao estado ‘hominal’ parece que não temos sabido aproveitar essa(s) mesma(s) oportunidade(s), dado que a nossa imperfeição é ainda uma... quase constante! Porquê?

Para gerirmos os nossos destinos o Senhor deu-nos algumas normas (leis), que temos aproveitado melhor ou pior, quando não as ignoramos totalmente. A mais importante é aquela que ficou sendo referida como ‘A Lei de Deus’, um decálogo em que o segundo mandamento resume os outros oito, não sendo, portanto, necessário referi-los; mas o primeiro, diz-Lhe respeito: “Amar a Deus sobre todas as coisas”, sendo o segundo a continuação deste mesmo: “Amar o próximo como a si mesmo”, querendo dizer que não devemos fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós. Aparentemente, isto será fácil, se nos lembrarmos que somos todos irmãos, ainda que a maioria desconhecida uns dos outros e, quando se desconhece

difícilmente se ama. E aqui, com certeza que falimos muitas vezes considerando que o ‘próximo’ não será apenas o que mais perto esteja de nós mas também aqueles outros que são ‘o próximo do próximo’, o que significa que o próximo acaba por ser toda a humanidade! Esta conclusão leva-nos a pensar que, para cumprir com este mandamento, temos de estar sempre vigilantes dos nossos actos, palavras e pensamentos, pois cada um pode prevaricar sem mexer um dedo que seja: só mesmo pelo pensamento. Achamos que, para a nossa imperfeição, esta é demasiado dura e, daí, o estarmos ainda tão atrasados na conquista dessa tal – bendita – perfeição. (O desânimo, por vezes, é tão grande que nos perguntamos se algum dia a conseguiremos atingir?!?!)... Sabendo que não temos outro remédio vamos tentando conforme sabemos, podemos ou queremos... e talvez, um dia, de novo preocupado com as nossas falhas, o Senhor volte a pedir a Jesus que venha até nós para nos ensinar o caminho do qual nos afastámos ou que não conquistámos ainda... Será que Ele, Jesus, que afirmou ser ‘o Caminho, a Verdade e a Vida’ concordaria em fazê-lo depois de já uma vez ter dado a Sua Vida por toda a humanidade? Duvido... e duvido porque os ensinamentos que nos deixou estão tão actuais hoje como quando no los deu, há mais de vinte séculos... e, para além deles, existe o CONSOLADOR, que Ele pediu ao Pai nos enviasse e nos diz tudo aquilo que Ele, Jesus, não nos pode dizer quando entre nós, porque demasiado envolvidos ainda, não perceberíamos o que nos estava a transmitir!

Vinte séculos... como temos sido teimosos e despreocupados com aquilo que temos de mudar em nós!

A outra Lei que Deus nos deu diz respeito, também, ainda que de uma maneira diferente, à nossa conduta: é a “Lei de Causa e Efeito”. Causa e Efeito... querendo dizer que ‘conforme semearmos, assim temos de colher’, ou seja ‘a sementeira é livre mas a colheita obrigatória’. E a sementeira é livre porque o Senhor deu-nos (concedeu-nos) o livre arbítrio: temos a liberdade de agir como muito bem entendermos mas, depois (há sempre um depois!), temos de sofrer as consequências de uma liberdade mal usada. Então, lembrando a recomendação de Jesus “Orai e Vigiai”, temos de estar sempre atentos ao que dizemos e fazemos, e ao que pensamos também, porque “quanto menos semearmos de errado, menos teremos de colher também – e essa colheita, normalmente, é sempre na existência imediata, com lágrimas, doenças, obstáculos que não percebemos – porque não recordamos o que vivemos anteriormente – porque nos surgem no nosso caminho existencial. “Quem semeia ventos, colhe tempestades”... Podemos concluir, a este respeito, que somos nós que arquitetamos a futura reencarnação a viver, em função do plantio que vamos fazendo, ainda que com tanta antecipação. O nosso “Livro da Vida” tem o ‘Deve’ e o ‘Haver’ sempre actualizado e Deus, além de todos os seus atributos é, também, um bom contabilista, já que não há falhas em nenhum livro: Ele não nos cria nem obriga a vivermos o mal (sofrimento de toda a espécie): somos nós que o criamos com a nossa conduta e Ele, com o Seu infinito Amor, apenas autoriza que o vivamos para

estarmos quites com a Lei – essa Lei que, para melhor nos orientar, Ele determinou que ficasse gravada na nossa consciência!

E quando regressamos ao mundo dos Espíritos, que é o de todos nós, para habitarmos “uma das muitas moradas da Casa do Pai”, encontramos a aguardar-nos a consequência de tudo o que foi a nossa vida terrena, seja de bom como de mau – e só podemos queixar-nos de nós próprios quando o que encontramos de mal é superior ao que ficou registado de bom, de bem. Vem-nos, então, à lembrança, com certeza, aquelas palavras tantas vezes escutadas: “A sementeira é livre, mas a colheita obrigatória...”

Morrer... o que é ‘morrer’? O que significa a morte?

Cândido de Figueiredo – ainda ele – diz-nos que “morrer” é ‘(...) finir-se, extinguir-se, acabar...’, mas porque fomos criados imortais e porque sabemos que, enquanto na Terra, temos um corpo-matéria a que estamos ligados, concluímos que a morte é só para esse mesmo corpo que deixamos – ou que nos deixa, conforme o prisma porque queiramos reconhecer a separação – enquanto voltamos (regressamos) à Casa Paterna – esse mundo ao qual, realmente, todos pertencemos e que, como Jesus o afirmou, tem muitas moradas. Muitas moradas... conforme o nosso comportamento, assim aquela que nos será destinada. Então, seres conscientes que já somos – pertencemos ao reino hominal, lembram-se? – devemos agir, enquanto



habitantes deste mundo que é actualmente o nosso, que o Senhor nos concedeu pelo seu infinito e Paternal Amor por todas as suas criaturas, todos nós, devemos agir de maneira a merecermos sempre uma moradia melhor que a que deixámos, quando viajámos até este Planeta que é actualmente a nossa Casa. Temos de deixar de pensar em nós para pensarmos que fazemos parte de um grupo, de um todo que caminha para um mesmo fim: o da imortalidade Maior ou da Pureza Espiritual que terá de ser conquistada por cada um em relação a si próprio.

Pensar assim dá-nos uma responsabilidade tremenda, pois ela afirma-nos que temos de combater tudo o que está errado em nós em vícios e sentimentos; temos de deixar de pensar no **ter** para nos preocuparmos afinadamente com o **ser**, porque este é que nos vai definir, este é que nos vai ajudar a mostrar o nosso mérito e as nossas conquistas, feitas principalmente na base do amor pelo próximo e da caridade – caridade que é, também, baseada no Amor. E porque, vivenciando o verdadeiro Amor, existe sempre a tolerância e a compreensão de uns para com os outros, fomentar um desses sentimentos é sempre aumentar cada um dos outros que irão, pouco a pouco, eliminando o egoísmo, muitas das vezes alimentado pelo orgulho e pela vaidade, pelo ciúme e pela inveja.

Nascer, viver, morrer!

Nascer... para depois morrer? Vale a pena uma vida de sacrifícios?

E a muitos de nós fica-nos como que a martelar, na mente, sempre a mesma pergunta: “Para quê nascer se, depois, temos de morrer? Para quê toda uma vivência, entre os dois pontos opostos mas ligados um ao outro, toda feita de dor, de sofrimento, de lágrimas e doenças?” E, realmente, não valeria a pena viver se esse viver significasse unicamente uma encarnação para cada um de nós, mas ela é e será apenas o somatório de muitas outras que já vivemos anteriormente, sempre procurando (ainda que inconscientemente) melhorarmos e tornarmos-nos melhores... e, porque assim aconteceu, chegámos ao “Aqui e Agora!” Se olharmos para traz, pensando no tempo em que já fomos “homens de cavernas”, que diferença encontraremos face ao que nos diz a sua história e aquilo que somos hoje!

Assim, com esta conclusão, a pergunta pode repetir-se, vezes sem conta, por todos os que não têm ou não alimentaram a fé e esqueceram as palavras de Jesus: “Tudo tem de ser pago, até ao último ceutil!” A palavra ‘pago’, pode ser substituída por esta outra ‘reparado’, e, sendo reparado não tem já ceitis, mas tem, a acompanhá-la, uma outra que poderá ser “acto”, “pensamento”... ou qualquer outra que se assemelhe, porquanto o que se tem de ter sempre presente, na dor como na doença, é que estaremos a viver a consequência do anteriormente realizado, incorporados que estamos todos na Lei de Causa e Efeito.

Mas... (e este ‘mas’ não traz condicionantes negativas), mas se tivermos a preocupação de viver tentando criar sempre o melhor, conseguiremos combater o negativismo antes criado e sermos, ainda que relativamente, felizes, de uma felicidade feita de pequenas vitórias, face aos obstáculos do caminho, que enfrentámos e vencemos, de pequenas alegrias, de pequenas tentativas de sempre se fazer o melhor... e, então, “viver” levamos para um “morrer” de paz, esperança e confiança também – confiança em nós e nos actos praticados ao longo de toda uma reencarnação prestes a terminar.

E quando recordamos o quanto lutámos por **ser**, olhamos intimamente o nosso EU e as nossas mãos, que ignoramos quando fiquem paralisadas, manifestar-se-ão sempre e ainda ansiosas por se estenderem para as outras que nos necessitam e se encontram vazias...

**Ser**, na sua simplicidade e imensidão, é também ajudar-nos a cumprir, sempre mais e melhor, a recomendação de Jesus:

*Amem-se, uns aos outros, como EU vos amei!*

**MANUELA VASCONCELOS**

\*

## **NOTAS DO MAIS ALÉM**

Ante a morte, o mal e o bem...  
Eis a questão como a vi:  
Cada qual colhe no Além  
Aquilo que fez de si.

***RODRIGUES DE CARVALHO***

A morte a todos alcança,  
Não vás contra a natureza.  
Se não houvesse mudança,  
Não terias pão à mesa.

***PEDRO SILVA***

(Do livro 'Paz e Alegria', psicografia de Francisco C. Xavier. Espíritos Diversos. Ed. GEEM.

## **ESCUATA, VIAJOR!**

Crê no Bem, ama a vida, luta e espera,  
Não te agastes na dor que te amedronta...  
Fita a luz, olha o sol que já desponta  
Requintado de graça e primavera!...

Louva o amor, onde a vida prolifera,  
Prosseguindo na paz que a fé te aponta...  
Resiste à tentação que te defronta,  
Triunfando do mal e da quimera.

A cruz sobre teus ombros é motivo  
De luta e de trabalho, rumo ao Bem...  
Faze do Amor teu grande imperativo,

Prossegue no labor que te retém!  
E, assim, fiel ao Cristo redivivo,  
Conquistarás troféus de luz, no Além...

### ***JOÃO DE DEUS***

(Do livro “Irthes & Irthes”, de Júlio Cezar Grandi Ribeiro, edições Cordis, da Casa Espírita Cristã, Vila Velha – ES – Brasil).

## ORAÇÃO DE PAZ DE ESPÍRITO

Eu sei, Senhor, que as dificuldades são inevitáveis...  
Quero ter forças para fugir delas  
E coragem para enfrentá-las...  
E peço vossa ajuda para transformar  
Cada problema meu – simples ou grave –  
Em exercício positivo para a evolução  
De minha alma...  
Que cada aflição seja um teste divino  
Para me indicar o caminho da verdadeira  
E infinita felicidade...  
Oh!, Senhor, eu não peço que afastes de mim  
As dificuldades, mas que me anime a enfrentá-las  
E que me ilumine para eu sair bem de todas elas...  
Dai-me, Senhor, agora e sempre a Vossa paz,  
E obrigada por me dar a certeza  
De que tudo vai dar certo...  
Assim seja!...

*CHICO XAVIER*

(In : Viver por Amor).

## SIRVAMOS

*Servindo de boa vontade, como sendo ao Senhor, e não aos homens. – PAULO. (Efésios, 6:7).*

Se legislas, mas não aplicas a Lei, segundo os desígnios do Senhor, que considera as necessidades de todos, caminhas entre perigosos abismos, cavados por tuas criações indébitas, sem recolheres os benefícios de tua gloriosa missão na ordem colectiva.

Se administras, mas não observas os interesses do Senhor, na estrada em que te movimentas na posição de mordomo da vida, sofres a ameaça de soterrar o coração em caprichos escuros, sem desfrutares as bençãos da função que exerces no ministério público.

Se julgas os semelhantes e não te inspiras no Senhor, que conhece todas as particularidades e circunstâncias dos processos em trânsito nos tribunais, vives na probabilidade de cair, espectacularmente, na mesma senda a que se acolhem quantos precipitadamente aprecies, sem retirares, para teu proveito, os dons da sabedoria que a Justiça conserva em tua inteligência.

Se trabalhas na cor ou no mármore, no verbo ou na melodia, sem traduzires em tuas obras a correcção, o amor e a luz do Senhor, guardas a tremenda responsabilidade de quem

estabelece imagens delituosas para consumo da mente popular, perdendo, em vão, a glória que te enriquece os sentimentos.

Se foste chamado à obediência, na estruturação de utilidades para o mundo, sem o espírito de compreensão com o Senhor, que ajudou as criaturas amando-as até ao sacrifício pessoal, vives entre os fantasmas da indisciplina e do desânimo, sem fixares em ti mesmo a claridade divina do talento que repousa em tuas mãos.

Amigo, a passagem pela Terra é aprendizado sublime.

O trabalho é sempre o instrutor do aperfeiçoamento.

Sirvamos sem prender-nos.

Em todos os lugares do vale humano, há recursos de acção e aprimoramento para quem deseja seguir adiante. Sirvamos em qualquer parte, de boa vontade, como sendo ao Senhor e não às criaturas, e o Senhor nos conduzirá para os cimos da vida.

### *EMMANUEL*

(In: FONTE VIVA, Francisco C. Xavier, EMMANUEL, ed. FEB 1956, cap. 29).

\*



